

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
INTEGRADA À EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE JOVENS
E ADULTOS - PROEJA**

**PROEJA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
PEDAGÓGICAS DA MEDIAÇÃO**

MONOGRAFIA

Edemir João Dal Bem

Santa Maria, RS, Brasil

2011

PROEJA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS DA MEDIAÇÃO

por

Edemir João Dal Bem

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos - Proeja da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos – PROEJA**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Viviane Ache Cancian

Santa Maria, RS, Brasil

2011

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à
Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos - PROEJA**

A Comissão Examinadora, abaixo- assinada,
aprova a monografia de especialização

**PROEJA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS
PEDAGÓGICAS DA MEDIAÇÃO**

elaborada por
Edemir João Dal Bem

como requisito parcial para obtenção do grau de
**Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação
Básica na Modalidade de Jovens e Adultos - PROEJA**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Viviane Ache Cancian
(presidenta/orientadora)

Liliana Soares Ferreira, Dr^a (UFSM)

Fabiane Adela Tonetto Costas, Dr^a (UFSM)

Santa Maria, 31 de outubro de 2011

Agradecimentos

Um agradecimento especial aos alunos e professores do Ensino Médio Noturno da Escola Estadual Professora Maria Rocha que foi meu campo de pesquisa.

À minha família que com paciência entenderam minha ausência devido às aulas.

Aos professores do curso de especialização em PROEJA, em especial à professora Liliana Soares Ferreira, coordenadora, que com exigência e carinho me desafiaram a aprofundar meus conhecimentos.

Obrigado à professora Viviane Ache Cancian, minha orientadora, pela atenção, motivação e orientação.

Resumo

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos - PROEJA da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial

PROEJA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS DA MEDIAÇÃO

Autor: Edemir João Dal Bem

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Viviane Ache Cancian

Data e local da defesa: Santa Maria, 26 de outubro de 2011

A presente monografia tem como finalidade discutir e analisar o Programa Nacional de Integração da Educação de Jovens e Adultos com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, compreendendo e refletindo sobre a importância da mediação pedagógica no processo de aprendizagem do aluno adulto trabalhador da escola pública Maria Rocha da rede Estadual de Santa Maria. Defende-se a mediação pedagógica como fator determinante no processo de ensino e aprendizagem dos jovens e adultos caracterizados por processos descontínuos de escolaridade. O professor (mediador) na perspectiva do programa é o principal construtor de um novo itinerário da docência caracterizada por pressupostos da integração entre educação e mundo do trabalho numa sociedade capitalista e tecnológica. A pesquisa segue os passos da metodologia qualitativa no qual os principais interlocutores são os jovens e adultos que revelam suas trajetórias de vida. Paulo Freire é o principal referencial deste trabalho, pois suas ideias dão sentido às proposições do PROEJA. Ele filia à educação a promoção da cidadania, desafia a uma prática mediadora que liberta as consciências e emancipa para a ética planetária, para o protagonismo social e político. Concluiu-se que o PROEJA é um programa desafiador e apresenta-se como uma possibilidade viável para o Ensino Médio Noturno da Escola Estadual Professora Maria Rocha. Todavia, não pode ser oferecido como solução para empregabilidade. O programa bem desenvolvido pode constituir-se num caminho de inclusão, de novas metodologias e pedagogias significativas.

Palavras-chave: PROEJA; MEDIAÇÃO; SUJEITOS

ABSTRACT

Monograph presented to the Specialization Course in Professional Education Integrated to the Basic Education in the Young and Adults Modality – PROEJA, from the Federal University of Santa Maria (UFSM, RS), as partial requirement

PROEJA: CHALLENGES AND PEDAGOGICAL PERSPECTIVES OF MEDIATION

Author: Edemir João Dal Bem

Advisor: Prof^a. Dr^a. Viviane Ache Cancian

Date e Place of defense: Santa Maria, October 26th, 2011

The present monograph aims to discuss and analyze the National Integration Program of Young and Adults Education with the Basic Education in the modality of Young and Adults Education – PROEJA, understanding and reflecting about the importance of a pedagogical mediation in the learning process of an adult student, worked at the State public school Maria Rocha from Santa Maria. The pedagogical mediation is defended as a determining factor in the teaching/learning process for young and adult people characterized by a discontinuous process of schooling. The teacher (mediator) in the program perspective is the main constructor of a new teaching itinerary characterized by presuppositions of interaction between education and workplace, in a capitalistic and technological society. The research follows the steps of a qualitative methodology in which the main interlocutors are young and adult people, who reveal their paths of life. Paulo Freire is the main reference of this work, because his ideas give meaning to the PROEJA propositions. Freire gives education the promotion of citizenship, challenges to a mediating practice that sets the conscience free and emancipates to a planetary ethics, to a social and political center. It is concluded that PROEJA is a challenging program and is presented as a feasible possibility to the Nocturnal High School in the State School Professora Maria Rocha. However, it can not be offered as a solution for employment, a well developed program can be constituted in a path of inclusion, of new methodologies and meaningful pedagogical practices.

Key-words: PROEJA; MEDIATION; PEOPLE

LISTA DE ABREVIATURAS

PROEJA- Programa Nacional de Integração da Educação de Jovens e Adultos com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I.....	12
PROEJA: FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS	12
1.1 Educação de Jovens e Adultos: formação e desafios do mundo do trabalho ..	12
1.2 Um novo itinerário da docência	20
1.3 Desafios de uma sociedade planetária: educação e as novas tecnologias	22
Capitulo II	26
PROEJA: MOTIVAÇÕES DA PESQUISA E RUMOS METODOLÓGICOS	26
2.2 A escolha pela abordagem qualitativa.....	27
2.3 Caracterização da realidade	28
2.4 Momentos da pesquisa	29
CAPITULO III.....	31
A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA	31
3.1 A escola: um território de águas	37
3.2 O PROEJA: alguns discursos dos professores.....	38
3.3 O PROEJA: uma possibilidade?	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Os novos cenários da educação tem produzido a necessidade de inovadores processos de inclusão e formação. Ainda hoje, temos a marca da dualidade na educação no aspecto do conhecimento e da formação profissional. Na sociedade capitalista neoliberal, a separação entre ricos e pobres é acentuada de forma abrupta. O mercado capitalista assume o papel de regulador das relações em todas as esferas da vida humana. O trabalho assalariado tornou-se escasso e as exigências de qualificação são grandes. A escola tem apresentado dificuldade em responder à necessidade de preparação para o trabalho.

Neste cenário, a educação assume um papel estratégico no enfrentamento dessa realidade da sociedade neoliberal.

A problemática desta pesquisa originou-se da realidade como profissional da Educação na Escola Estadual Professora Maria Rocha. Desde 2008, integro um grupo de professores que atua no turno da noite se constata uma grande inquietação em oferecer uma modalidade diferenciada aos alunos do Ensino Médio noturno. Essa inquietação se justifica devido aos altos índices de desistência e cancelamento.

De modo geral, a ótica reflexiva volta-se para o perfil de alunos que a escola vem atendendo. Estamos de fato atendendo esses alunos que procuram a escola? Por que eles desistem? O que buscam na escola? Como mediar novas práticas pedagógicas?

Tendo presente essas constatações, a questão problematizadora é: Quais as implicações da mediação pedagógica no processo de aprendizagem do aluno adulto trabalhador da escola pública Maria Rocha da rede Estadual de Santa Maria?

O objetivo geral desta pesquisa é compreender e analisar a importância da mediação pedagógica no processo de aprendizagem do aluno adulto trabalhado da escola pública Maria Rocha da rede Estadual de Santa Maria.

No que se refere aos objetivos específicos busca-se conhecer as diretrizes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA no que se refere à inclusão dos trabalhadores e os seus principais desafios.

Foi necessário entender as proposições do PROEJA na ótica das possibilidades, limites e desafios de implantação no Ensino Médio noturno da Escola Estadual Maria Rocha, pesquisando as “marcas” da mediação pedagógica na trajetória de vida escolar dos adultos (maiores de 18 anos) e suas implicações na aprendizagem e permanência escolar.

A dialética foi a trilha orientadora de todo o processo de investigação e de análise realizado. Escolheu-se o método dialético por levar o pesquisador a trabalhar sempre considerando a contradição e o conflito; a dinamicidade da realidade a ser pesquisada considerando as dimensões históricas, filosófica, material e política que envolve essa problemática.

A pesquisa teve caráter qualitativo e a coleta de informações foi feita através da produção de memoriais, questionários e diálogos. Essas técnicas centraram-se no sujeito, objetivando compreendê-lo e, ao mesmo tempo, exigindo do pesquisador uma relação estreita de confiança e empatia.

O rumo teórico desta pesquisa será traçado pelo pensamento de Paulo Freire como referencial de uma pedagogia para jovens e adultos. As reflexões freirianas continuam atuais ao conceber o fazer educativo um ato político. Suas interrogações sobre os sujeitos da educação, sobre os objetivos e de como educar ainda ecoam fortemente no contexto atual.

Essas respostas são encontradas nos sujeitos, ou seja, nos jovens e adultos e contextos de vida e de escolaridade descontínuos.

A partir deste olhar emprestado de Paulo Freire como contestador da exclusão, da privação de direitos e da massificação da consciência, será conceituada a importância da mediação no trabalho com alunos potencialmente caracterizados como candidatos ao PROEJA.

Nessa perspectiva, a estruturação desse estudo apresenta-se em três partes, sendo a primeira, intitulada “PROEJA: fundamentos pedagógicos” abordará as principais idéias do programa numa ótica de possibilidade de implantação tendo como principal referencial teórico o documento do programa. São apontadas algumas pistas para um novo itinerário da docência e os desafios implicados na identidade docente. Nesta reflexão destaca-se o papel das novas tecnologias com ferramentas indispensáveis para a mediação dos conhecimentos e para qualificação profissional frente aos desafios do mundo contemporâneo.

O segundo capítulo intitulado “PROEJA – motivações da pesquisa e rumos metodológicos” caracteriza a abordagem qualitativa e os procedimentos metodológicos da pesquisa. A pesquisa qualitativa oportuniza a interação, a observação e a leitura dos fenômenos revelados pelos sujeitos da pesquisa.

O terceiro capítulo aborda “A mediação pedagógica” trazendo a palavra dos sujeitos da pesquisa, os dez jovens e adultos selecionados como candidatos ao PROEJA. Nesse capítulo, o principal interlocutor é Paulo Freire. Através do seu pensamento, caracteriza-se um ideal de prática pedagógica mediadora. Há também a fala de cinco professores do ensino noturno. A partir destes dados e impressões coletadas, foi possível tecer algumas conclusões relevantes deste trabalho.

CAPÍTULO I

PROEJA: FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS

Neste capítulo o objetivo é refletir sobre o PROEJA e os seus pressupostos, dialogando com os pensadores sobre o papel da educação de jovens e adultos na atualidade e visualizando o desafio de um novo itinerário da docência.

1.1 Educação de Jovens e Adultos: formação e desafios do mundo do trabalho

O PROEJA propõe-se a articular a educação básica, cultura, ciência e mundo do trabalho. O programa assume também a tarefa da emancipação crítica e cidadã.

A filiação do PROEJA com a problemática da relação entre professor e aluno no âmbito da mediação pedagógica justifica-se pela experiência docente com adultos onde verificou-se a necessidade de conhecer a trajetória estudantil desses sujeitos, seus fracassos e descontinuidades no processo educacional.

Acredita-se que o professor assume um papel vital na reconfiguração desses sujeitos marcados pelas rejeição, pelo medo, pelo sentimento de fracasso instalado como um vírus que corrói a autoestima e vontade de se qualificar.

Políticas de inclusão como o PROEJA devem vir acompanhadas de uma nova forma de tratar esses sujeitos. Mediar é potencializar a vontade de crescer, de aprender e melhorar. Mediar é criar condições para que o trabalhador não desista diante das dificuldades de aprendizagem.

A busca de um conhecimento aprofundado do programa na perspectiva de visualizar possibilidades de ressignificação do Ensino Médio da Escola Maria Rocha na sua relação com o mundo do trabalho é um dado constatado na experiência com professores e alunos desta instituição.

A proposta do PROEJA busca a retomada da vinculação entre educação e mundo do trabalho. Almeja romper com a dicotomia da formação como algo exclusivamente do mundo do trabalho dissociado da educação. É Paulo Freire quem fornece o conceito de trabalho numa ótica ontológica, ou seja, como condição

primeira de humanização do homem. É através do trabalho que o homem produz a sua existência.

É atual discutir a formação como ponto de conversão de abordagens diferenciadas, das várias dimensões e contribuições, entre elas a dos sujeitos trabalhadores. A categoria de sujeitos trabalhadores aparece como um diferencial das demais propostas de educação profissional. Essa ideia de sujeito é uma premissa determinante para a relevância deste estudo. Caracterizando esses “atores sociais” vamos descobrir que todos são provenientes de classes populares, são trabalhadores e trabalhadoras que desde criança lutam pela sobrevivência e trazem as marcas do fracasso e descontinuidade escolar. São sujeitos de identidades heterogêneas. O Documento Base do PROEJA caracteriza:

[...] marginais ao sistema, com atributos sempre acentuados em consequência de alguns fatores adicionais como raça/etnia, cor, gênero, entre outros. Negros, quilombolas, mulheres, indígenas, camponeses, ribeirinhos, pescadores, jovens, idosos, subempregados, desempregados, trabalhadores informais são emblemáticos representantes das múltiplas apartações que a sociedade brasileira, excludente, promove para grande parte da população desfavorecida econômica, social e culturalmente (BRASIL, 2007, p. 11).

O documento citado denomina “marginais ao sistema”, ou seja, segregados pelo modelo social e econômico neoliberal, esses sujeitos ficam à margem das oportunidades de trabalho, escolarização e renda digna.

A qualificação profissional entra no palco das discussões dos projetos políticos e chega até a escola com diferentes conotações ideológicas. A atual ideologia neoliberal precisa ser desmistificada e entendida para um maior aprofundamento da verdadeira tarefa da educação na inserção de sujeitos críticos e emancipados no mundo do trabalho.

O entendimento pedagógico desse trabalho dar-se-á dentro de um

pensamento emancipatório de inclusão, tendo o trabalho como princípio educativo; o direito ao trabalho como um valor estruturante da cidadania; a qualificação como uma política de inclusão social e um suporte indispensável do desenvolvimento sustentável, a associação entre a participação social e a pesquisa como elementos articulados[...]e na melhoria da base de informação sobre a relação trabalho-educação-desenvolvimento. (BRASIL, 2005, p. 20-21).

A clareza conceitual das diferentes abordagens das categorias trabalhadores sujeitos, formação profissional, homem, educação e cidadania precisam ser pesquisadas e objetivadas sob o risco de desenvolver-se nas escolas projetos

pedagógicos confusos, desarticulados e sem um horizonte de futuro social, ou seja, apenas reprodutor do sistema capitalista vigente. Quanto à profissionalização MANFREDI, explica:

Considerando, portanto, que a educação profissional tem uma dimensão social intrínseca, ela extrapola a simples preparação para uma ocupação específica no mundo do trabalho e “postula a vinculação entre a formação técnica e uma sólida base científica, numa perspectiva social e histórico-crítica, integrando a preparação para o trabalho à formação de nível médio” (MANFREDI, 2003, p. 57).

A experiência com o ensino noturno de clientela adulta suscita a seguinte pergunta: qual é o papel da escola? Ou também podemos indagar: a serviço de quem e de que sociedade a escola está ou deve estar? As respostas são muitas e revelam práticas pedagógicas confusas.

O horizonte da formação para o trabalho no nível médio caracterizado pelo PROEJA é uma política de governo difundida em todo o Brasil, desde o ano de 2006 e tem suscitado muita divergência e discussões de natureza política, ideológica, econômica, pedagógica e social.

Um dos méritos para a educação do programa é inquietar, desacomodar e propor novos olhares à prática educacional.

Compartilho da ideia de ser humano como ser inacabado, inconcluso, em construção, que busca completar-se. O homem também é um ser social, um ser de relação e de comunhão como definiu Aristóteles. “É um ser histórico-social que age sobre a natureza para satisfazer suas necessidades e, nessa ação produz conhecimentos como síntese da transformação da natureza e de si próprio” (RAMOS, 2005, p. 114).

Estas concepções corroboram para a possibilidade de afirmar que na educação encontramos a possibilidade real de transformar alunos em sujeitos, informações em conhecimentos e trabalhadores em atores sociais e protagonistas de suas trajetórias de vida pessoal e profissional.

A história da educação brasileira é palco de muitas trajetórias pedagógicas e educacionais. Diferentes concepções de mundo, de homem, de sociedade e de conhecimento marcam a história da educação e das políticas.

A respeito do papel fundamental da educação PARO, argumenta:

Para que isso não se perca, para que a humanidade não tenha que reinventar tudo a cada nova geração, fato que a condenaria a permanecer na mais primitiva situação, é preciso que o saber esteja permanentemente sendo passado para as gerações subseqüentes. Essa mediação é realizada

pela *educação*, entendida como a apropriação do saber historicamente produzido. Disso decorre a centralidade da educação enquanto condição imprescindível da própria realização histórica do homem. (Paro, 1997b, p. 108)

Assim, negar uma educação de qualidade a um adulto trabalhador é privá-lo de sua ascendência profissional, humana e histórica. Para que tal propósito se realize, é preciso construir integração epistemológica, de conteúdos, de metodologias e de práticas educativas explicitando os limites e possibilidades que têm suas origens nas práticas do corpo docente.

Na medida em que, em educação, não se pode separar método de conteúdo, os padrões mais avançados de relacionamento e convivência entre os envolvidos passam a fazer parte integrante do conteúdo educacional que se realiza em um ambiente escolar mais democrático, mais dialógico, portanto de melhor convivência humana. (Paro, 1996, p. 126)

Paro (1996) alerta para a necessidade de qualificar as relações interpessoais e, por consequência, a mediação qualificada da aprendizagem. Acredita-se que “os padrões mais avançados de relacionamentos e convivência” que ele observa são determinantes para uma mediação de aprendizagem mediada.

Em outras palavras, o professor é criador de uma atmosfera em sala de aula. Essa atmosfera será potencializadora de motivação, de interações e aprendizagens significativas.

A intencionalidade desta reflexão é lançar um olhar para o futuro da educação e da escola, numa ótica de problematização e caracterização do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

O PROEJA, apesar de ser uma política de governo, caracteriza-se como uma nova possibilidade de integração entre a educação escolar e a formação para o mundo do trabalho. O programa busca resolver essa dualidade educacional que tem sua gênese orgânica e estrutural no sistema de produção capitalista.

Há necessidade também de refletir as diferentes mediações que interferem nos processos educacionais. Mediações de natureza social, cultural, econômicas, psicológicas e políticas. Essas mediações objetivam-se no fazer pedagógico dos educadores e da escola como um todo.

O desempenho cognitivo de uma criança ou adulto não nasce por acaso, mas é produto de um trabalho que leva em consideração a intencionalidade e a reciprocidade da interação entre mediado e mediador. Esses conceitos de

Feuerstein definem a experiência da aprendizagem mediada. Assim, a mediação vai além do ato de ensinar (transmissão de conhecimentos), mas é preconizada pela qualidade da interação estabelecida entre os sujeitos.

O mediador (professor) do PROEJA é um agente que seleciona saberes, produz estímulos, suscita motivação e estabelece sentido e potencializa vínculos afetivos fortes no processo de aprendizagem. Esses vínculos afetivos geram relações interpessoais estreitas, dialógicas com uma marca de cumplicidade recíproca. O mediador deve colocar em prática todas as estratégias para garantir os seus objetivos e metas.

Primeiramente, o PROEJA é uma oportunidade inovadora de pesquisa, de experimentação pedagógica e inovação e de reflexão conceitual e paradigmática do fazer pedagógico da Instituição Educacional.

As aceleradas mudanças socioculturais e o desenvolvimento científico e tecnológico transformam e exigem mudanças no fazer da escola e reconfiguram seu papel diante do mundo do trabalho. A sociedade do conhecimento demanda pela formação de trabalhadores pensantes, críticos e criativos.

Dos educadores que vão atuar no PROEJA, exige-se uma clara intencionalidade pedagógica e metodológica, transcendente ao programa, mas operando uma metamorfose criativa nos sujeitos do seu trabalho, tendo uma profunda clareza teórica para gestar práticas pedagógicas e uma grande capacidade de estabelecer relações interpessoais qualificadas e mediadoras de aprendizagens significativas, de motivação, aliando-se ao uso eficaz das novas tecnologias educacionais.

O currículo integrado é um pressuposto de inovação pedagógica no Ensino Médio. O propósito é romper com a ideia de formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho, mas assumir a formação integral desses sujeitos numa lógica emancipadora.

O Documento Base da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, PROEJA esclarece que

Por esse entendimento, não se pode subsumir a cidadania à inclusão no mercado de trabalho, mas assumir a formação do cidadão que produz, pelo trabalho, a si e o mundo. Esse largo mundo do trabalho – não apenas das modernas tecnologias, mas de toda a construção histórica que homens e mulheres realizaram, das mais simples, cotidianas, inseridas e oriundas no/do espaço local até as mais complexas, expressas pela revolução da ciência e da tecnologia – força no mundo contemporâneo a rever a própria

noção de trabalho (e de desenvolvimento) como inexoravelmente ligada à revolução industrial.(Documento base, 2007,p.13)

O trabalho nessa proposta de integração assume uma centralidade para a construção da cidadania e para a compreensão do mundo contemporâneo. A pedagogia capitalista opera um discurso contrário a essa centralidade. KUENZER argumenta que:

Negar o trabalho como forma pela qual o homem produz o conhecimento, no conjunto das relações sociais, constituindo-se a si mesmo e à história e sendo construído por ambas, enquanto apreende, compreende e transforma a natureza, num processo em que reflexão e ação, atividade intelectual e manual não se separam (KUENZER, 2002, p. 137).

A nova ordem da sociedade capitalista configurou profundas transformações no mundo do trabalho. A crise do fordismo e taylorismo e o surgimento da microeletrônica forçaram um novo perfil de trabalhador. Novas exigências de qualificação e competências deram origem a chamada sociedade do conhecimento.

Novos conceitos começaram a operar no campo educacional como polivalência, qualidade total, flexibilidade, participação, autonomia e outros. Da nova configuração do mundo do trabalho e das necessidades do capitalismo, a escola assume os imperativos do mercado.

Por serem expressões superestruturais de relações sociais cuja base é marcada pela exclusão, contraditoriamente, estas mudanças conceituais funcionam com uma leitura invertida da realidade. Anunciam qualidade total, autonomia, flexibilidade e reeditam formas renovadas de exclusão, atomização do sistema educacional e dos processos de conhecimento e políticas autoritárias de descentralização (FRIGOTTO, 1996, p. 78).

Essas mudanças colocam em foco a necessidade da qualificação profissional. No campo educacional, há o repensar de suas metas e objetivos. O discurso é de formar um cidadão para as novas exigências do mercado. O que Frigotto chama a atenção é para a exclusão que se encerra dentro dessa nova ordem capitalista. A ideologia neoliberal camufla a realidade e busca na educação a sua principal aliada na efetivação de suas propostas.

É preciso formar (educar) um novo homem, um novo perfil de pessoa para essa nova sociedade. Uma pessoa competitiva e flexível segundo as regras do mercado. A educação assume o status de mercadoria, não mais de direito.

Quanto ao papel da educação na leitura deste cenário atual FRIGOTTO observa:

No plano da luta contra-hegemônica, as organizações políticas e sindicais que se articulam com os interesses da classe trabalhadora necessitam entender, cada vez mais, que o conhecimento científico e a informação crítica são algo fundamental para as suas lutas. O senso comum e a opinião(doxa) ou a experiência acumulada por algum tempo de prática(sofia) são elementos importantes, mas insuficientes. A nova realidade histórica demanda conhecimentos calcados na episteme – conhecimento científico (Frigotto 1994, p. 25).

Entende-se, na reflexão de Frigotto(1994) o papel da educação na luta contra a mercantilização da educação. A classe trabalhadora precisa se apropriar do conhecimento científico e do senso crítico para fazer uma leitura profunda do contexto social, político e econômico da atualidade. Essa nova realidade histórica precisa ser compreendida na sua essência para ser combatida. É preciso qualificar intelectualmente os jovens e adultos para a leitura crítica da sociedade e do mundo do trabalho. O conhecimento científico assume o papel de ferramenta crítica e promotora de cidadania.

A emergência do neoliberalismo também condicionou a educação à lógica de mercado, ou seja, formar mão-de-obra. A razão utilitarista sobrepõe à razão crítica e emancipatória. Atrofia e até paralisa-se a razão crítica que emancipa a consciência de humanidade, de sentido, de necessidade e responsabilidade como coletividade.

O surgimento desse novo contexto histórico não foi acompanhado de projetos educacionais que favorecem a inclusão de todos neste novo mundo. O PROEJA na modalidade integrado com Ensino Técnico e Médio ambiciona um ensino inovador quanto ao público a ser atendido e também na reconstrução de uma nova identidade do ser professor na perspectiva de um agente transformador e mobilizador de consciência.

Para Paulo Freire(2003), a escola não deve ensinar conteúdos vazios e sem significados, mas potencializar para que os sujeitos sejam criativos e construtores de sua própria história.

O PROEJA resgata as lutas ético-políticas já pleiteadas historicamente pela EJA. Destaca-se a formação humana e a universalização do ensino médio.

Todavia, importa investigar os avanços dessa política no que se refere à inclusão, à profissionalização e emancipação desses sujeitos.

O trabalho na perspectiva do PROEJA deve ser entendido fora de uma lógica mercadológica, mas um elemento fundador da existência e da vida adulta. Ele não é garantia de emprego, mas trabalha os alunos na sua integralidade.

Decorrente disso, implicações pedagógicas da referida relação parecem ser as mais inquietantes dessa proposta.

Ramos(2010) analisa que o sentido dessa integração está na concepção de formação humana como elemento integrador das diferentes dimensões humanas ou seja, trabalho, ciência e cultura na trajetória de formação. O trabalho objetiva as relações com a realidade social e material.

Há necessidade de resgatar o sentido ontológico do trabalho. RAMOS explica:

o trabalho, como princípio educativo, está na base de uma concepção epistemológica e pedagógica, que visa a proporcionar aos grupos a compreensão do processo histórico de produção científica, tecnológica e cultural dos grupos sociais, considerada como conhecimentos desenvolvidos e apropriados socialmente, para a transformação das condições naturais da vida e para a ampliação das capacidades, das potencialidades e dos sentidos humanos. (RAMOS, 2010, p.69)

A existência humana é gestada dentro do contexto social, político, cultural e material. Esse processo existencial de cada pessoa se encontra com o processo histórico econômico e produtivo das sociedades. Cada tempo histórico traz as suas exigências. Contemporaneamente as exigências do chamado mercado de trabalho são complexas, forçando a educação a rever sua matriz epistemológica. Uma epistemologia de integração “conteúdos, de metodologias, de práticas educativas, do saber e do saber-fazer, na perspectiva de uma formação humana mais geral que envolva o Ensino Médio e a formação profissional” (Documento base, 2007, p. 41).

Assim a relação ontológica e histórica da educação com o mundo do trabalho é explicitado no quarto princípio do PROEJA. O documento base (2007, p.38) resume: [...] “homens e mulheres produzem sua condição humana pelo trabalho-ação transformadora no mundo, de si, para si e para outrem coloca a escola em crise”.

Estreitar a relação entre educação de jovens e adultos com o mundo do trabalho é a primeira tarefa do programa PROEJA. O currículo também é um enorme desafio, pois é preciso pensar na pluralidade desses sujeitos com diferentes trajetórias de vida e de processos cognitivos e de aprendizagem. Um currículo que contempla todas as ambições do programa e também que dá conta dos déficits educacionais desses sujeitos equacionando formação tecnológica, científica, cultural e social. Há também o desafio da formação dos professores que vão atuar nesta modalidade. Integrar, inovar, qualificar são exigências intrínsecas ao programa.

Acredita-se que o principal protagonista do programa é o professor. As reflexões a seguir vão procurar elucidar o que seria um novo itinerário docente procurando atender as demandas do programa PROEJA.

1.2 Um novo itinerário da docência

O PROEJA nos relatos e escritos até agora produzidos a partir das experiências docentes tem revelado inquietações, dúvidas e até resistências por parte dos professores. Pode-se falar até de uma crise de identidade. Toda essa crise é causada pelo público que busca o programa que exige uma nova gestão do fazer pedagógico.

Os sujeitos do programa são identificados como trabalhadores, vítimas da condição social e excluídos das oportunidades de concluir seus estudos no tempo considerado apropriado. Muitos também trazem as marcas de processos pedagógicos descontínuos, frágeis, apresentando-se com grandes lacunas cognitivas. Pode-se destacar mais elementos que caracterizam este público alvo, todavia o propósito é refletir sobre o desafio da docência na mediação pedagógica.

A identidade docente não é algo dado, mas construído ao longo das trajetórias pessoais e das experiências existenciais. Os acontecimentos, vivências, estudos, o contexto social, político, econômico, cultural e religioso vai forjando o ser professor.

Melucci (2004) defende a identidade como um processo que percorremos ao longo de toda a nossa vida, tendo uma característica processual, dinâmica, consciente e reflexiva. É também a capacidade de falar e de agir que o sujeito possui que o diferencia dos outros, permanecendo ele mesmo. A identidade se dá na autoidentificação, no reconhecimento intersubjetivo, onde então encontra a base para a sua constituição. Neste reconhecimento diferencia-se do outro e, ao mesmo tempo, é reconhecido pelo outro como diferente.

Entendem-se como relevantes os conceitos deste autor para caracterizar a identidade docente. Quanto ao sistema de relação escreve que:

Está ancorado nas raízes sociais e culturais, além disso, a “unidade pessoal” de um sujeito, “que é produzida e mantida pela auto-identificação, encontra apoio no grupo” no qual pertence e que fornecesse a possibilidade de situá-lo “dentro de um sistema de relações” (MELUCCI, 2004, p.45).

A essência da identidade do professor é a sua história de vida, sua formação, sua herança cultural e social. A sua identidade é constituída de vários elementos que vão influenciar suas concepções de vida, seus ideais e o seu fazer profissional. A identidade é constituída como algo dinâmico que congrega tempo, relações, oportunidades e lutas. É uma história feita do modo como professores “agem, pensam, sentem, convivem... dentro e fora do trabalho, na totalidade de seus espaços e tempos, de suas relações sociais” (Arroyo, 2000, p. 199). Assim, a identidade docente é uma realidade complexa que deve ser pensada, refletida e modificada.

Alguns atributos são fundamentais serem agregados à identidade do professor tais como: gosto pelo que faz, autoconhecimento, motivação, capacidade de diálogo, clareza ideológica, responsabilidade, flexibilidade, paciência, criatividade, acolhimento, afeto, clareza metodológica, autoridade, consciência crítica, abertura às mudanças, capacidade de lidar com conflitos e mediação significativa.

Esses atributos parecem óbvios, mas na prática pedagógica numa perspectiva de inclusão dos sujeitos (público alvo do PROEJA) eles ganham um significado vital. O objetivo é consolidar práticas profissionais que superem uma educação bancária (FREIRE, 1980, 1987). Ou seja, o aluno não é um depósito de conteúdos, mas um agente do seu ensino-aprendizagem.

Cabe essencialmente ao educador assumir uma perspectiva crítico-reflexiva, problematizadora e mediadora do processo. Assim:

Possibilitar a emancipação pela mediação de uma reflexão crítica. Tal processo está, portanto radicalmente vinculado à conquista da autonomia dos seres humanos, um processo interessado na efetivação autêntica do ser humano, o que significa dizer interessado na efetivação da razão na vida histórica do ser humano; numa palavra, interessado na superação da irracionalidade existente, o que implica em criar nas pessoas uma postura de resistência a todo tipo de dogmatismo, de escravidão, de discriminação, de toda forma de humilhação da dignidade do ser humano e desrespeito à natureza (OLIVEIRA, 2001,286-287).

Na reflexão do autor, pode-se destacar alguns verbos como: possibilitar, emancipar, mediar, conquistar, efetivar, superar e criar. São verbos que indicam ação e prática. O PROEJA objetiva possibilitar uma nova experiência de aprender e ensinar na ótica de emancipar a mente e o coração dos jovens e adultos através de uma mediação dialógica, consciente e intencional de onde se quer chegar com o aluno. Nesta perspectiva:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de *apreender*. Por isso, somos os únicos em quem

aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (FREIRE, 1996, P.28).

Freire (1996) caracteriza o ser humano como ser histórico-social capaz de aprender. A crença de que todos podem aprender é fundamental na mediação. Todavia, as formas para alcançar esse objetivo são muitas. É preciso que o educador do PROEJA tenha claro essa heterogeneidade no modo aprender. Aprender é algo dinâmico e desafiador e não mera reprodução de informações. O aprender para Paulo Freire é transformar informações em conhecimentos para a vida.

Na escola, encontramos vivo o pensamento cartesiano. Uma educação bancária, com práticas de transmissão de informações, acrítica e indiferente aos processos políticos e sociais da humanidade.

O professor é um ser em mutação. Um agente do novo. Um protagonista de uma nova humanidade na sua tarefa de educar. A afirmação é utópica, mas é a utopia que devolve à pedagogia o seu sentido.

A educação não é um fenômeno neutro, mas uma realidade situada no tempo e na história. Nesta perspectiva, é preciso salvar a educação como bem público. A educação é a protagonista do novo ser humano e, por consequência, da nova sociedade. Nessa tarefa, as novas tecnologias devem estar a serviço de um projeto de humanidade como casa, aldeia global onde todos possam viver em paz e em comunhão.

Pode-se falar em um novo tempo no fazer educativo. Um tempo políticas públicas de inclusão da classe trabalhadora; inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais. A principal inclusão dessas novas políticas é igualar a todos no universo das oportunidades.

1.3 Desafios de uma sociedade planetária: educação e as novas tecnologias

É nos anos 90 que as tecnologias educacionais adquirem novo significado no mundo educacional. Ela tem como objetivo ajudar no processo de ensino e aprendizagem otimizando os recursos tecnológicos. A tecnologia está a serviço dos

currículos escolares que norteiam as práticas pedagógicas tendo como elementos norteadores a realidade da escola, a cultura e a realidade nas diferentes esferas.

Não dá para ignorar que as novas tecnologias estão exigindo um novo repensar do processo educativo, transcendendo a esfera de meras ferramentas, mas de meios eficazes e dinâmicos do processo ensino aprendizagem. Elas são articuladoras de novas linguagens e novos significados do conhecimento e do apreender.

São muitas as implicações dos uso das tecnologias na prática pedagógica.

Pedro Demo (2008) escreve:

Para educadores, a expectativa básica é que as TICs aprimorem modos de estudar, pesquisar, elaborar, elevando consideravelmente as estratégias de construção de oportunidades e autoria. Por isso mesmo, faz pouco sentido simplesmente transportar o ambiente instrucionista vigente em educação para os mundos virtuais e vice-versa, porque, neste açodamento, aproveitamos de ambos que têm de pior. As oportunidades educacionais e formativas precisam ser acuradamente arquitetadas em consórcio entre expertos em tecnologia e em educação, numa empreitada recíproca. Ambos os lados precisam aprender juntos.

O autor propõe uma revisão e uma qualificação do uso das tecnologias. Propõe a parceria entre os técnicos e os educadores na busca de otimizar os recursos na prática objetivando o ensinar e o aprender. No contexto de alunos de PROEJA é fundamental desenvolver habilidades para que os mesmos possam navegar neste mundo digital interligado.

O potencial pedagógico das tecnologias educacionais é ainda estranho para muitos educadores. Muitos desconhecem, outros não se aventuram em novas práticas por medo e insegurança. Todavia,

[...] a educação no mundo de hoje tende a ser tecnológica, o que, por sua vez, vai exigir o entendimento e a interpretação de tecnologias. Como a tecnologias são complexas e práticas ao mesmo tempo, elas estão a exigir uma nova formação do homem que remeta à reflexão e compreensão do meio social em que ele se circunscreve (GRINSPUN 2001, p. 25).

As tecnologias digitais podem dar ao PROEJA um horizonte de experiências inovadoras de práticas pedagógicas, além de cooperar para a inclusão, qualificação e autonomia destes jovens e adultos. Merece destaque a informática pois afeta diretamente o campo educacional. Segundo o Ministério da Educação, na coleção informática para mudanças na educação explica:

Se é função da educação preparar o indivíduo para uma vida plena, o cidadão para o exercício de seus direitos e deveres e o profissional para o trabalho... se é fato que a escola é o principal agente da educação na

sociedade, seria lógico esperar que a escola estivesse extremamente interessada e envolvida nesses desenvolvimentos(1998, p.18).

As tecnologias são ferramentas importantíssimas para um novo itinerário pedagógico. Entretanto há necessidade de qualificar os educadores para se apropriarem destes novos recursos. Segundo Luckesi (1986, p.56) define Tecnologia Educacional como: “[...] a forma sistemática de planejar, implementar e avaliar o processo total da aprendizagem e da instrução em termos de objetivos específicos, baseados nas pesquisas de aprendizagem humana e comunicação e materiais, de maneira a tornar a instrução mais efetiva”.

A profissionalização qualificada e a inclusão desses jovens e adultos vão depender muito do uso das tecnologias. Há tecnologia educacional livre e aberta e tecnologia da informação e comunicação de Internet. As tecnologias abertas caracterizam-se pelo acesso livre. Isto é, não cumprem fins comerciais mercadológicos, sendo assim são recursos que podem ser incorporados no trabalho pedagógico.

Quanto às tecnologias da informação não há um conceito que dá conta de toda amplitude. A utilização da informática e a sua aplicabilidade é bem abrangente. Um exemplo na esfera da educação pode ser a informatização das bibliotecas e o uso de ambientes virtuais (moodle) que alterou o modo de guardar e distribuir as informações.

O moodle é um software livre de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual que é de uso público e gratuito. É um espaço e interação usado por diferentes intuições educacional a serviço do ensino e da aprendizagem, especialmente no ensino a distância e também presencial.

Na nova dinâmica da informação e comunicação de Internet, têm-se os portais como centros de aglutinadores de informação e distribuidores de conteúdos.

Assim,

As novas tecnologias são equipadas por dispositivos que enviam dados e informações de maneira simultânea. Isto agiliza os processos de retorno de respostas, possibilitando, em alguns casos, a intervenção do indivíduo no fluxo da mensagem. Ao contrário da televisão, do cinema e do rádio, onde os conteúdos são unidimensionais e o fluxo da informação possui uma única direção, com a interatividade existe uma construção da mensagem entre os personagens comunicantes e a troca de papéis na maioria dos casos entre emissor e receptor (ALMEIDA, 2003, p. 1).

Professores, jovens e adultos devem se tornar aprendizes virtuais. O portal do MEC, por exemplo, é uma realidade pouco explorada pelos educadores. Uma breve visita neste site pode revelar informações e recursos de natureza das tecnologias educacionais a serviço de novos procedimentos didáticos e metodológicos.

Outra realidade da sociedade tecnológica é a Escola Técnica Aberta do Brasil instituída pelo Decreto nº 6.301 de 12 de dezembro de 2007. A criação desta Escola na modalidade de educação a distância objetiva ampliar a oferta de ensino técnico de nível médio, buscando a democratização do ensino gratuito em todo país.

O uso de tecnologia livre e aberta é ainda um desafio para os docentes e discentes. É preciso criar uma nova cultura da mediação da informação e da construção do conhecimento. “A escola e a sociedade precisam ter uma visão holística sobre as tecnologias a favor da educação” (GADOTTI; ROMÃO, 2000, p.43).

Na realidade da escola pesquisada não há experiências do uso das tecnologias da informação. Alguns professores preparam suas aulas em power point e usam o projetor de multimídia. Há também uma deficiência de computadores para o Ensino Médio, sendo que não existe um laboratório de informática para o uso. O que há são os laboratórios dos cursos técnicos que raramente estão disponíveis.

A implantação do PROEJA na Escola Estadual Professora Maria Rocha precisa vir acompanhada de um investimento em recursos tecnológicos, ou seja, um laboratório de informática atualizado com rede de internet, assim como projetores e outros equipamentos. Na esfera pedagógica, há necessidade de qualificar o corpo docente para o uso destas ferramentas, pois, no geral, os professores revelam-se despreparados para o uso das novas tecnologias da informação. Investir nos recursos tecnológicos é fundamental para trilhar um novo itinerário da docência, tendo em vista os desafios do PROEJA e dos sujeitos que poderão buscar essa modalidade de ensino.

Capítulo II

PROEJA: MOTIVAÇÕES DA PESQUISA E RUMOS METODOLÓGICOS

O interesse em pesquisar e aprofundar o estudo em PROEJA vem da experiência com o Ensino Médio Noturno da Escola Maria Rocha, devido à caracterização da clientela atendida e pelas diferentes constatações de sucesso e fracasso no atendimento pedagógico desse público. Nos últimos anos, a inquietação dos professores em relação aos índices de desistência e cancelamento, redirecionou o olhar para o perfil de alunos que a escola vem atendendo.

Segundo Chizzotti “na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas...” (2009, p.83). Assim, optou-se por dois públicos para realização da pesquisa: dez estudantes trabalhadores, maiores de 18 anos e 5 professores que atuam no Ensino Médio noturno e integrantes do grupo de estudo sobre PROEJA.

Motivado em conhecer e ler alguns episódios da realidade dos jovens e adultos que procuram a escola, objetivando conhecer suas trajetórias de vidas pessoais e escolares e principalmente fazer uma leitura das implicações da mediação pedagógica nas suas caminhadas escolares.

2.1 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são adultos, com processos descontínuos de escolaridade, marcados por trajetórias pessoais e profissionais de insucesso, de poucas oportunidades e de incertezas. Ambos retornaram à escola motivados por melhores chances no mercado de trabalho. Das dez pessoas pesquisadas, apenas dois estão empregados com carteira assinada; dois fazem “bicos” e os demais vivem com a ajuda da família. Em todas as falas que relacionam estudo e trabalho, a expectativa é grande. Todos alimentam o sonho de um bom emprego e melhores condições de

vida material. Dos dez pesquisados, seis são do sexo feminino e 4 do sexo masculino. Apenas duas pessoas possuem mais de 35 anos.

Apesar de reconhecerem que o caminho no mundo do trabalho é árduo, todos depositam confiança no estudo como garantia de uma melhor colocação, ou seja, um melhor emprego. Todos são movidos pelo otimismo e pela esperança na possibilidade de ascensão social e material.

O perfil dos sujeitos do PROEJA é descontinuidade escolar, incertezas profissionais e muita expectativa de futuro.

2.2 A escolha pela abordagem qualitativa

O caminho metodológico desta pesquisa é de caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa caracteriza-se como ferramenta de leitura e captação de sentimentos, opiniões e representações passíveis de interpretação.

A pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento direto do pesquisador, sendo esse o principal instrumento de coleta. Ela assume uma perspectiva descritiva e analítica, valorizando de forma prioritária o processo.

Conforme Trivinões, “a abordagem qualitativa analisa os conhecimentos que surgem da interação entre a realidade concreta, o indivíduo e o objeto, o qual para ele é uma “[...] interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente” (2008, p. 137).

A pesquisa qualitativa é um jeito de olhar uma realidade. Um olhar inquietante e interrogativo. A dinâmica deste olhar está baseada na observação, na escuta e nas descobertas desta interação. Assim pesquisar é um ato de parar, olhar, escutar uma realidade.

Através de diálogos e elaboração dos memoriais de vida procurou-se escutar, refletir e coletar significados das experiências de vida pessoal, profissional e escolar.

Um segundo olhar da pesquisa está voltado para os educadores que são os gestores das práticas pedagógicas.

Esses dois públicos compartilharam saberes que nos possibilitaram pensar o PROEJA como uma modalidade possível.

2.3 Caracterização da realidade

A Escola Estadual de Ensino Médio Prof^a. Maria Rocha foi fundada em 1941, em Santa Maria/RS. Em 1998, passou a oferecer, além do Ensino Médio, o Ensino Técnico Profissionalizante, em nível pós-médio, nas áreas de Contabilidade, Secretariado e Informática.

Sempre atenta às mudanças, os profissionais que atuavam na escola, nessa mesma década, perceberam a necessidade de oferecer uma modalidade diferenciada no turno da noite. Iniciou-se a modalidade matrícula por disciplina para os alunos interessados na conclusão da Educação Básica. No ano de 2008, o Governo Federal acenou com a possibilidade de implantação da modalidade PROEJA, e a partir daí, um grupo de professores reuniu-se sistematicamente para estudar e aprofundar sobre o Programa de Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Desde esse período, sou integrante de um grupo espontâneo de reflexão e estudo.

Em 2009, um grupo de dezessete professores disponibilizou-se em realizar o Curso de Especialização, em PROEJA, oferecido pelo IFET/UFRGS, de Júlio de Castilhos. O interesse em aperfeiçoar-se, em apropriar-se das novas tecnologias da Educação para Jovens e Adultos, o desafio de inovar metodologias e de atender às demandas da comunidade, levou-me, em 2010, juntamente com mais três colegas a fazer o curso de Especialização em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos Proeja, da Universidade Federal de Santa Maria.

Assim, registra-se que diante de todos esses estudos, a mobilização e o interesse da escola estão totalmente focados na Educação Profissional Técnica de nível médio integrada ao Ensino Médio, pois é fato que o estabelecimento de ensino dispõe de espaço físico e dos recursos humanos necessários para a implantação dessa nova modalidade de ensino e, sobretudo de que para a escola converge um número significativo de jovens e adultos em busca de espaço de formação, conforme postula o documento base do PROEJA:

A educação profissional tem uma dimensão social intrínseca, ela extrapola a simples preparação para uma ocupação específica no mundo do trabalho e postula a vinculação entre a formação técnica e uma sólida base científica [...], integrando a preparação para o trabalho e à formação de nível médio (MANFREDI, 2003, p.57).

Neste primeiro semestre de 2011, 50% dos alunos do Ensino Médio noturno são maiores de 18 anos. Esse percentual indica que há um público disponível para uma proposta que integre nível médio com a profissionalização.

Essa caminhada teórico-reflexiva motivou e deu as pistas para a realização dessa pesquisa.

2.4 Momentos da pesquisa

Assim, atendendo aos procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa dividiu-se em três momentos:

Fase exploratória: consistiu-se na delimitação do tema, busca de referenciais teóricos, e análise dos questionários de entrevista na matrícula de 2011.

Ainda nesta fase exploratória, a Escola Maria Rocha na modalidade Ensino Médio Noturno, organizou com o corpo docente uma ficha de entrevista com todos os alunos novos que buscaram uma vaga no primeiro semestre do corrente ano. Tomando conhecimento dos dados e também participando das entrevistas, foi possível mapear os anseios dos alunos, em especial dos adultos e trabalhadores. A partir destes dados iniciais, foi possível definir os sujeitos da pesquisa.

Ainda nessa fase, realizou-se uma conversa individual com cada um dos 10 sujeitos mapeados, explicando o trabalho do pesquisador, os objetivos da pesquisa e, principalmente, criando uma relação de empatia e diálogo.

A conversa individual e a aplicação de um questionário estreitaram os vínculos entre o pesquisador e os sujeitos. As questões propostas de cunho abrangente e relativas à trajetória escolar, os desafios enfrentados, a relação entre trabalho e formação acadêmica e lembranças positivas e negativas da relação professor e aluno. Foram quatro encontros semanais de 50 minutos com cada aluno nesta etapa.

Um segundo momento da pesquisa foi o desafio de motivar e ajudar para que cada pessoa escrevesse seu memorial de vida. Nenhum dos pesquisados havia feito a experiência de elaborar o seu memorial. Individualmente cada pessoa foi orientada e encorajada a escrever. Nos diálogos ficava evidente o medo de errar, medo de ser julgado(a) pela sua história.

O memorial de vida é instrumento primordial desta pesquisa, pois evidencia dados subjetivos conectados com os contextos sociais e existenciais de cada indivíduo.

A memória do indivíduo está conectada às instituições sociais. Bosi(1983, p.17) escreve que [...] “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.

O memorial como instrumento de pesquisa é uma “ponte” entre o passado e presente. Ele possibilita entender a trajetória dos indivíduos no âmbito social, escolar e existencial. É um instrumento pedagógico de conhecimento do aluno, de sua vida, de seus anseios mais profundos. O processo de formação de um sujeito transcende a vida escolar, mas é permeada por experiências familiares, sociais, psicológicas, afetivas e transcendentais. É nesse processo que se constitui a identidade humana.

Neste estágio da pesquisa, foram em média sete encontros com cada um, sendo que sete dos escolhidos não tinham tempo para escrever fora do período da noite. Sendo assim, foi organizada uma agenda de aulas vagas no turno para elaboração do memorial. Entre um cafezinho, um chocolate, uma conversa informal sobre o trabalho e a vida cada aluno pesquisado conseguiu elaborar seu memorial.

Uma relação estreita de confiança e amizade se estabeleceu. Na reflexão usarei letras para identificar os sujeitos da pesquisa.

CAPITULO III

A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

As principais reflexões deste estudo resumem-se em três perguntas: Que tipo de trabalho pedagógico é necessário com jovens e adultos? Que tipo de professor faz falta no PROEJA? Que autobiografia tem o aluno candidato ao PROEJA?

No memorial do aluno H pode-se observar um exemplo de retrato autobiográfico dos sujeitos em questão.

Nasci em uma família pobre, como muitos santamarienses. Minha vida escolar começou ao sete anos de idade em uma escola municipal de 1º grau incompleto perto da minha casa. Nesta escola estudei até a 5ª série. Na 6ª série fui para uma escola particular; concluindo nesta escola a sexta série fui para outro colégio até então nunca tinha repetido. Na sétima série eu empaquei. Por conseqüências da adolescência comecei a ter amizades que não devia ter e isso atrapalhou muito meus estudos. Desde então rodei umas duas vezes e parei os meus estudos ficando longe de uma escola por mais ou menos uns nove anos. Durante esse período aconteceu muitas coisas ruins na minha vida. O uso de drogas foi o principal motivo de eu ter parado com os estudos(...) a minha vida mudou, larguei as drogas, comecei a estudar e trabalhar e hoje a um ano e meio libertei das drogas eu estou vivendo novamente, e de hoje em diante só tem acontecido coisas boas na minha vida; estou estudando, trabalhando com carteira assinada. E daqui pra frente quero me dedicar a Deus primeiramente, meus estudos e ao trabalho e espero novas oportunidades.(Aluna H)

Neste discurso podemos pensar na construção existencial de cada pessoa. Há necessidade de trabalhar valores e objetivos de vida não somente conteúdos. Este perfil de pessoa quando retorna a escola geralmente precisa sentir-se reconhecida, acolhida, motivada para transcender as marcas negativas impressas pela vida. A escola ainda é o lugar das oportunidades. Oportunidade de sentir-se gente; oportunidade de transcender, oportunidade de conviver, de aprender a ser e a pensar. Mais do que oportunidade o ensino é um direito.

O ensino potencializa diversas relações. O ato pedagógico exige uma comunicação efetiva. Nesta relação, é determinante que o professor acredite na possibilidade de o aluno aprender. Para Paulo Freire(1996), ensinar é criar possibilidades para a produção ou construção do conhecimento. O objetivo final da educação escolar é incluir o aluno trabalhador no processo político, social e

econômico. O fracasso desse objetivo deixa o aluno à margem da própria sociedade.

Mediar teoria e prática é assumir uma postura epistemológica que confere ao aluno trabalhador um status de sujeito do conhecimento, um produtor de saberes e de humanização compartilhada. Essa perspectiva significa ir além do treinamento dado em cursos ou do próprio repasse de informações desprovidas da conexão entre a vida, o trabalho e as vivências.

Há que se considerar que o PROEJA é uma tentativa concreta de avanço no direito de educação. Esses sujeitos possuem um rosto marcado pelas lutas desde a infância. O aluno J escreve:

Me criei na necessidade. Desde criança acreditava numa vida melhor para mim e minha família. Morei perto do cadeia e já fiz a experiência de perder tudo por causa das enchentes. Minha vida de trabalhador iniciou aos 7 anos para ajudar a família, trabalhando em obra. A partir dos 14 comecei a trabalhar como gari com a carteira assinada pela Ajesm (zona azul). Trabalhei nove meses neste projeto. Depois desta experiência fui trabalhar como autônomo na construção civil como servente. Ajudava o padrastró nas obras. Dos 14 aos 22 anos sempre trabalhei na construção civil, sempre sem carteira assinada. Com 22 anos fiz curso na EMAI em Metal Mecânica com duração de 5 meses. Era um projeto piloto do qual fui sorteado por estudar em uma escola municipal. Estava na 8ª série. Dos 15 anos 18 parei de estudar por motivo de trabalho. Dos 19 a 22 fiquei parado. Iniciei com o projeto do curso. No final do projeto, consegui estágio na Agrimec do qual trabalhei 6 meses. Depois desta experiência voltei a trabalhar em construção civil sempre sem carteira, aproximadamente até 2009. No segundo semestre de 2009 voltei a trabalhar como metalúrgico por mais 5 meses. A partir de dezembro de 2009 voltei a trabalhar com carteira assinada na escola Marista Santa Marta. A necessidade me obrigou a parar de estudar. Neste tempo aprendi a ser responsável, respeitar as pessoas. Me sinto feliz em retornar para a escola. Esta sendo difícil conciliar trabalho e estudo. Estou perdido por ter ficado fora da escola por muito tempo. Me senti acolhido como adulto trabalhador e motivado a estudar. Sinto que os professores me motivam a estudar e a superar as dificuldades. Sou militante partidário do PT. Me interesso pela política. Acredito em uma sociedade e um mundo melhor. Penso no bem das pessoas.

O fazer pedagógico deve ser colocado no campo da cidadania e dos direitos do aprendiz. Na fala do candidato ao PROEJA, é possível perceber como o trabalho engendra identidades sociais, humanas, políticas e sociais.

O documento base do PROEJA orienta a problematização da realidade, a construção do pensamento crítico, a consciência cidadã dos próprios deveres e direitos e a construção de saberes numa dinâmica de ensino e aprendizagem articuladora de teoria e prática focada no mundo do trabalho.

O professor é um mediador. Informar, mobilizar novos processos cognitivos, questionar, desencadear mudanças conceituais e procedimentais são tarefas do que se chama mediação significativa.

Segundo Marques (2001), o processo de aprendizagem mediado pelo professor cria uma atmosfera emocional que integra os indivíduos nos mesmos objetivos.

Não se pode ocupar a docência com a mera transmissão de conhecimentos. Ensinar não é repetir, é reconstruir aprendizagens. Trata-se de realizar a tradução dos conceitos reconhecidos no seu estado atual das ciências para o nível das práticas sociais contextualizadas e conjunturais. Traduzir aqui significa realizar a inversão do plano da idealidade do conhecimento abstrato para o terreno em que firmam os pés as práticas cotidianas e concretas dos sujeitos/atores em presença. Nesta tradução pedagógica dos conceitos e valores importa integrem-se os respectivos conteúdos na racionalidade prática embasada na linguagem cotidiana, de forma que a compreensão e o consenso não sejam conduzidos de fora, mas validados pelos participantes da comunicação educativa, satisfeitas as condições de entendimento compartilhado, em que o ensino começa quando professores e alunos reconstróem juntos suas aprendizagens (Marques, 1990, p. 50, 94-5; 2001, P. 81).

Marques(2001) convida a pensar sobre as diferentes visões pedagógicas e processos de ensino e aprendizagem. A transmissão de conhecimentos de forma repetitiva é uma das principais características da visão empirista com base numa epistemologia que considera o conhecimento a-histórico, mecânico e desconectado das práticas cotidianas da vida e da profissão. Nessa concepção, o professor é aquele que sabe e o aluno é aquele que aprende, não levando em consideração seus aprendizados e a sua capacidade crítica e criadora. Perguntas como: por que temos que aprender isso? Onde eu uso tal conhecimento revelam práticas permeadas por essa visão.

Não há necessidade de se considerar o aluno em seus múltiplos aspectos, pois o que realmente importa é a qualidade do estímulo e do conteúdo a ser ensinado. A preocupação está em dar boas aulas, boas exposições dos assuntos a serem assimilados (MAIER & GARCIA, 2007, P. 76).

A tradução dos conhecimentos numa linguagem cotidiana é desafio para os professores. Reconstruir o significado dos conteúdos trabalhados é uma tarefa primordial para trabalhar com o público jovem e adulto. É preciso repensar o fazer a partir da mediação.

A concepção de mediação, como possibilitadora da construção pessoal do conhecimento, deve trazer consigo algumas mudanças na ação do professor. Posturas não mediadoras precisam ser revistas, integradas e contextualizadas. Há que se promover transformações no trabalho docente que garantam a mediação da aprendizagem com opção consciente de ação

pedagógica ou, por que não dizer, andragógica”(MAIER & GARCIA, 2007, P. 72).

O retorno dos alunos adultos para o ambiente escolar é marcado pelo medo do fracasso, pela insegurança, pela vergonha das próprias condições de trabalho, condições econômicas e sociais. A primeira ação educativa passa pelo resgate da dignidade, do direito da escolarização e do sentimento valorativo de autoestima. Acredito que a primeira mediação é propiciar esta atmosfera emocional de que fala Marques. O PROEJA no âmbito pedagógico vai exigir a reconstrução da aprendizagem. Professor e aluno precisarão juntos transformar-se. O grande desafio é rever as trajetórias de vida. De um lado, o professor como docente. Por outro lado, o aluno trabalhador. O professor mediador é aquele que parte de uma visão interacionista, ou seja, na relação professor e aluno numa ótica dialógica onde ambos são ensinantes e aprendentes.

A proposta do PROEJA está focada nessa visão pedagógica reflexiva, numa prática emancipatória e cidadã, indo além da inserção no mundo do trabalho. Acredita-se que a reflexão e a consciência cidadã são os primeiros limites a serem conquistados. Cabe ao professor essa responsabilidade de ser ponte e não apenas um mero informante.

Parece oportuno, em se tratando de educação para jovens e adultos, lembrar de algumas ideias de Leonardo Boff. Em seu livro “A águia e a galinha – uma metáfora sobre a condição humana”; esse pensador diz que a libertação começa na consciência. Libertar a consciência desses jovens e adultos das marcas do fracasso, das trajetórias de vida conflitantes, de ideias que enclausuram direitos e sonhos. Jovens e adultos julgados e marginalizados por uma sociedade conduzida pelos valores do capitalismo neoliberal.

GENTILI e FRIGOTTO na obra “cidadania negada” escrevem

As dificuldades de hoje são encaradas como algo mais coletivo e geral, o que reduz o estima do fracasso e pode empurrar para a busca de soluções. Valoriza-se a capacidade de vencer as dificuldades através de iniciativas pessoais e de atividades alternativas o que implica esforço redobrado. Nesta busca, as atividades se fragmentam e diversificam, com perdas evidentes e, ao mesmo teoricamente, com ganhos possíveis a liberdade para a organização do tempo e para a vida pessoal, além de maior possibilidade de escolha, sempre que as mudanças sejam vividas sem grandes traumas psicológicos. Na competição intensificada, os segmentos profissionais mais preparados, intelectual e pessoalmente, são mais capazes de sair ganhando financeiramente ou em outros aspectos da vida (GENTILI e FRIGOTTO, 2002, P. 55-56).

O panorama contemporâneo é nebuloso para esses jovens e adultos que se perderam do tempo regular da escola. O discurso ideológico que todos podem vencer pessoalmente. Será que as oportunidades são mesmas? Sempre escolhemos nossa trajetória de vida?

Em um dos diálogos sobre a trajetória escolar e os maiores desafios a aluna A escreve

As escolas que eu estudei não muitas, mas importantes. Hoje, ainda lembro muita coisa. Meu primeiro ano até o oitavo foi na mesma escola que apesar de pobre, rica em professores que me ajudaram a formar o caráter e isso é muito importante; só senti falta de ler mais naquela época. Retornar depois de 11 anos com filho, marido, e família que dependem de mim para se manter no rumo. Medo de me decepcionar comigo mesma, de não dar conta. O desafio da espera; saber a hora certa. Tudo até agora se encaminha como imaginado e retornar a escola foi a melhor das decisões (Aluna A).

Nessa breve resposta, fica claro o medo e incerteza dessa estudante. Não cabe julgar as escolhas feitas, mas garantir o direito de uma educação de qualidade. A aluna A e tantos outros adultos ainda atribuem sentido à escola. Confiantes na possibilidade de qualificar suas vidas pessoais e profissionais retornam ao convívio escolar desconfiados, inseguros e frágeis no objetivo de reformular suas trajetórias escolares.

Leonardo Boff(1999), na obra citada, propõe o desafio de assumir a condição de águia. Nesta sociedade, jovens e adultos, a exemplo da aluna, com facilidade são condenados à acomodação, à estagnação de sonhos e projetos.

Escreve Boff(1999, P.102) que “somos galinhas, seres concretos e históricos. Mas jamais devemos esquecer nossa abertura infinita, nossa paixão indomável, nosso projeto infinito: nossa dimensão águia”.

Essa percepção de transcendência, de modificabilidade, de sonho e esperança são horizontes fundamentais para a prática pedagógica. Não é da missão do educador matar a dimensão águia, mas é de fazê-la voar, viver, sonhar e descobrir novos horizontes. Cada adulto que procura a escola é uma águia que está querendo voar.

Mas devemos reconhecer nosso enraizamento numa história concreta, numa biografia irreduzível com suas limitações e contradições: nossa dimensão galinha. Sejam galinhas e águias: realistas e utópicos, enraizados no concreto e abertos ao possível ainda não ensaiado, andando no vale mas tendo os olhos nas montanhas. Recordemos a lição dos antigos: se não buscarmos o impossível (a águia) jamais conseguiremos o possível (a galinha) (BOFF, 1997, P.103).

Essa trajetória, na maioria das vezes, nem é considerada pelos professores. A escola assume o papel de reproduzir padrões onde todos devem sonhar e se comportar do mesmo modo. O professor faz da sua tarefa algo semelhante a de um tratador. Distribui informações, cobra resultados, conforma-se com a evasão e fracasso da maioria. O professor, muitas vezes, nem pensa que está ajudando a manter a lógica do “galinheiro”. Ele próprio é necessário para o sistema capitalista neoliberal funcionar bem.

Num segundo momento, faz-se mister escutar os desafios da realidade, desafios que afetam cada pessoa. Eles cobram opções e decisões que marcam biografias e definem destinos. Se a pessoa não obedecer ao chamado do real, não será fiel ao tempo, nem a ela mesma (BOFF, 1997,p. 104).

Algumas pistas dessa realidade

A escola neoliberal tem por função básica a transmissão de certas competências e habilidades necessárias para que as pessoas atuem competitivamente, num mercado de trabalho bastante seletivo e cada vez mais restritivo e excludente. A educação escolar transformou-se em garantia das funções de classificação e hierarquização dos postulantes aos futuros empregos ou aos empregos do futuro. Daí ela transforma-se numa instância de seleção meritocrática, avaliando, fornecendo certificados e diplomas. Nisso reside a “função social” da escola (SANTOS, 2001, p.71).

As mudanças sociais, econômicas e políticas deste século modificaram o conceito de escola e de educação. A cidadania foi substituída por competitividade, mercado. O modelo atual de sociedade conspira para sufocar a águia interior que habita cada pessoa.

Transfere-se do social para o individual a responsabilidade pela inserção profissional dos indivíduos. A empregabilidade converteu-se, neste caso, num corrolário dos conhecimentos, habilidades e esforço individual de adequação. Torna-se tarefa das instituições que oferecem educação tentar tornar sua clientela empregável, adequando seus cursos à demanda e incluindo na formação elementos subjetivos capazes de assegurar maior adesão dos quadros às instituições e seus objetivos (GENTILI e FRIGOTTO,2002, p. 59).

Os paradigmas do capitalismo neoliberal estão em crise. A sociedade está em crise. A escola está em crise. A escola contemporânea especialmente a que atende jovens e adultos não vai tornar sua clientela empregável. O PROEJA não vai poder assumir essa tarefa. Qual, então será o papel do professor e da escola?

3.1 A escola: um território de águias

A partir dos relatos e das produções a respeito da modalidade PROEJA, acredita-se que ela pode oferecer as condições para libertar a águia interna de muitos jovens e adultos.

A contemporaneidade traz exigências complexas. Em Paulo Freire, encontram-se algumas pistas para o ressurgimento das águias.

Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas no mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (...) Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação. Daí que a Religião – religare – que encarna este sentido transcendental das relações do homem, jamais deva ser um instrumento de alienação. Exatamente porque, ser finito e indigente, tem o homem na transcendência, pelo amor, o seu retorno à sua Fonte, que o liberta. (FREIRE, 2003, p. 47-49)

Freire nos reporta para a essência humana, sua essência águia. A condição “galinha”, ou seja, sujeito acrítico, indiferente, passivo constitui-se o principal mecanismo de manutenção deste sistema de exclusão. Uma educação verdadeiramente libertadora é um instrumento de construção de um novo cidadão planetário. Um novo ser político e social. Um homem dialógico, conectado com a sua história, com a realidade e com mundo globalizado.

Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade decidir. (...) As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhas entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida (FREIRE, 2003, p. 51).

O fazer pedagógico do PROEJA não pode estar comprometido com a domesticação da consciência destes sujeitos. O pensamento de Paulo Freire altamente relevante e atual quando denuncia a publicidade ideológica do sistema vigente que aliena, condiciona a mente e o coração. Ajudar as “águias” a retornar a capacidade de olhar a vida e o horizonte pessoal e social com amplitude e clareza.

Paulo Freire é um defensor da coletividade, da dialogicidade, da criticidade e da solidariedade.

Há em cada jovem e adulto um anseio profundo por oportunidade. Anseio por trabalho e reconhecimento na escola. A aluna D, de 22 anos relata:

Eu comecei a trabalhar com 15 anos de baba sem carteira. Morava no serviço. Fiquei dois anos, cansei e sai. Fiquei um ano sem trabalhar. No ano seguinte comecei com acompanhante de idosa. Fiquei nove meses com carteira assinada. Ganhava passagens e salário limpo. Fiquei 2 anos sem trabalhar. Comecei a trabalhar como faxineira de uma firma. Fiquei três meses, pedi para sair porque era paga em suaves prestações. Trabalhei 3 meses em uma casa de família. Agora estou trabalhando como estagiária da prefeitura ganhando 1,90 por hora relógio. Tenho uma filha e pretendo terminar o ensino médio e fazer faculdade de pedagogia na informática. Na escola sinto que nem todos os professores se preocupam com as dificuldades dos alunos, não são compreensivos as dificuldades de aluno trabalhador. Não consideram os desafios da vida e família.

A jovem aluna retrata sua história de luta por trabalho e melhores condições de vida. Também denuncia práticas de alguns professores que pouco se interessam pela história de vida de seus alunos. Pensar as identidades dos jovens e adultos é comprometer-se com uma prática pedagógica baseada na solidariedade, no diálogo e na reflexão.

Uma prática pedagógica alicerçada nos conceitos freirianos de educação exige compromisso com a esperança, com a ética planetária e com a transformação social. Exige compromisso com a libertação das águias.

3.2 O PROEJA: alguns discursos dos professores

Para subsidiar a pesquisa, foi aplicado um questionário com alguns professores de diferentes áreas do conhecimento atuantes no Ensino Médio noturno da Escola. O questionário foi organizado com três perguntas. Os professores serão identificado por letras.

A primeira pergunta propôs: quais os desafios de ser professor(a) do Ensino Médio noturno?

Entender e conhecer melhor a realidade dos alunos, seus problemas pessoais, as dificuldades que possuem para o desenvolvimento intelectual e pessoal. Ensinar para vida, para o mundo que o cerca. Qualificar para o mundo do trabalho, além dos conteúdos. Mantê-los interessados na aula, freqüentando a escola, pois o mundo fora da escola é mais interessante do que o espaço escolar. (Professor A)

Dificuldade de conciliar trabalho e estudo. Além do cansaço percebe-se que há alunos com uma baixa autoestima. Já repetiram o ano muitas vezes e não acreditam na sua capacidade de aprender. (Professor B)

Conseguir ministrar uma aula que seja interessante a tal ponto que mantenha os alunos frequentando do início ao fim do semestre. Conseguir que os alunos mantenham a atenção, superando o cansaço do dia de

trabalho. Administrar as adversidades em sala de aula que na minha opinião é proveniente da idade, pois a clientela do ensino noturno vem mudando suas características, pois vem recebendo cada vez mais um público jovem. (Professor C)

A partir da realidade dos alunos tentar tornar as aulas mais atrativas e interessantes contemplando a realidade e a visão de mundo destes alunos. (Professor D)

Nas respostas do primeiro questionamento, fica clara uma preocupação dos professores em repensar e renovar suas metodologias e práticas pedagógicas. As falas corroboram para uma mediação que acolhe as vivências e conhecimentos dos alunos. Há a necessidade da seleção de métodos e técnicas envolventes que aprimorem a capacidade de pensar e, ao mesmo tempo, motivem, orientem esses jovens e adultos na superação de suas limitações.

A segunda pergunta questionou: que mudanças consideras necessárias fazer no teu trabalho pedagógico com os jovens e adultos?

Trabalhar os conteúdos propostos mais relacionados com o cotidiano; procurar melhorar a autoestima dos alunos. Leva-los a espaços além da escola: cinema, palestras, passeios, visitas.... (Professor A).

Como encorajá-lo mesmo com tantas dificuldades. Penso que a resposta desta pergunta está nas séries iniciais (Professor B).

Que a prática pedagógica não se atenha tanto ao conteúdo em si, e sim para uma formação mais humanizadora e cidadã, já que muitos dos alunos do ensino noturno possuem somente a pretensão de terminar o ensino médio e não querem prestar vestibular (Professor C).

Mudanças no currículo de biologia, trazendo materiais relevantes para o cotidiano dos alunos (Professor D).

O discurso dos professores retrata algumas exigências próprias das especificidades desses sujeitos: conteúdos relacionados ao cotidiano, atuar na baixa autoestima e encorajamento para o estudo, investir na humanização e cidadania. A questão da educação de jovens e adultos não se trata apenas de uma realidade cronológica, mas principalmente de uma perspectiva pedagógica mediadora.

No questionamento sobre o conhecimento da proposta do PROEJA e sua relevância as respostas foram as que seguem:

A proposta é muito válida, pois prepararia o aluno com os conhecimentos básicos do Ensino Médio, além de dar uma qualificação para a mão de obra. Mantendo-os talvez mais interessados na escola e comprometidos. Tendo ainda uma ajuda de custo proposta pelo governo para a permanência. Desacomodaria os professores a um novo desafio e os alunos a um conjunto de melhoras para a construção do seu todo de

maneira integral, ou seja, conhecimento e capacitação para enfrentar o mundo (Professor A).

O PROEJA poderá resolver a questão 2. O nosso aluno precisa de um novo estímulo e tem urgência em estar no mercado de trabalho (Professor B).

Que o ensino médio será integrado com o ensino técnico. Acho a proposta relevante, pois o aluno termina os ensino médio com este “plus” a mais visto que, atualmente um curso técnico tem muito espaço no mercado de trabalho (Professor C).

Que é uma modalidade de ensino que une o EJA com a proposta do ensino profissionalizante. Não conheço muito a proposta (Professor D).

Um relato de uma aluna exemplificará melhor a relevância da inquietação dos professores.

Sou de uma família onde a mulher não precisa estudar, porque cuidar da casa e dos filhos não precisa muito conhecimento. Nunca tive oportunidade de fazer algum curso por ignorância dos pais. Rodei na 6ª série, na sétima série na metade do no parei de estudar. Fiquei sem estudar 4 anos. Fiz o EJA do fundamental na Escola Ir. Quintino. Neste período estava com 17 anos e casada. Voltei a estudar por incentivo do marido. Me sentia incapaz de retornar; me sentia velha e com medo. Me senti acolhida na escola. Sai do EJA com o resumo do resumo dos conhecimentos de 7ª e 8ª série. Em 2009 comecei freqüentar o noturno do MARIA Rocha. No começo foi difícil de fazer amizade e acompanhar o conteúdo, principalmente química e física. Vejo que o estudo é fundamental para conseguir um emprego. Penso em fazer um curso técnico que ainda não defini. Quero também fazer concurso. Nenhum professor conversou sobre minha história de vida e de estudante (Aluna L).

De Paulo Freire pode-se tirar a lição do escutar e acolher a história de vida destes sujeitos.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola (FREIRE, 1996, p. 26).

Relacionando a pergunta sobre os desafios de ser professor do noturno com a pergunta dois sobre as mudanças necessárias no trabalho pedagógico é possível inferir algumas conclusões. Primeiramente, as mudanças pedagógicas vão acontecer a partir de um conhecimento mais apurado do aluno. Conhecê-lo como ser humano, como ser único, com uma trajetória de fracassos, incertezas, vergonha e medo. Conhecer o que faz para sobreviver, o que sonha e o que pensa da vida.

Um segundo ponto revelado é questão da motivação e da baixa autoestima. Os insucessos são tantos que qualquer desafio é motivo para desistir. É preciso trabalhar o coração e a mente destes jovens e adultos. Essa é uma tarefa de todos e deve ser permanente, especialmente no noturno.

A terceira constatação aponta para a prática pedagógica que deve ser pensada. Conectar os conteúdos com o cotidiano, apostar na formação humanizadora e cidadã.

O PROEJA exige uma ruptura pedagógica, uma transgressão pedagógica; uma mudança de olhar e no modo de ensinar e aprender.

Independente de adotar-se uma proposta de PROEJA, a caracterização do jovem e do adulto é fundamental. O mínimo de conhecimento de cada pessoa que chega até o professor é determinante para estabelecer a ética do respeito, do diálogo e para traçar um caminho de aprendizado compartilhado. Articular as vivências sociais e existenciais pode configurar uma didática motivadora que engendre sentido ao saber, ao tempo e ao espaço da sala de aula como um laboratório de vida. O primeiro passo é compreender o aluno.

É necessário também tecer interconexões entre os saberes em termos políticos, sociais, éticos e planetários. A educação “bancária” no entendimento de Paulo Freire ainda é uma realidade. A partir dos conteúdos possibilitar que os sujeitos pensem a sua vida como parte integrante de uma história social, uma história política, uma história econômica. Pensem suas vidas como parte de uma história humana de dependência e de mutua relação.

3.3 O PROEJA: uma possibilidade?

A partir da pesquisa e das reflexões teóricas pautadas pelo pensamento de educação libertadora de Paulo Freire é possível acreditar no PROEJA como uma possibilidade de inovação e transgressão pedagógica.

Hoje, o jovem ou adulto que termina o Ensino Médio possui pouca expectativa de oportunidades de trabalho. O fenômeno da evasão escolar também está ligado a essa falta de sentido e perspectiva do Ensino Médio, em especial o noturno que foi objeto desta pesquisa.

Este estudo investigou sobre a mediação pedagógica no processo de ensino e aprendizagem do aluno jovem e adulto trabalhador.

O programa do PROEJA está alicerçado na

integração entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral com a finalidade de contribuir para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional como condições necessárias para o efetivo exercício da cidadania(Documento Base, 2007, p. 1).

Essa integração plena é na verdade a efetivação de uma mediação pedagógica que atenda objetivamente os sujeitos deste programa. Acredita-se que este é elemento de maior impasse, dúvidas, tensões e incertezas com relação ao programa. Nos momentos de estudo e reflexão junto ao grupo de estudo dos professores do noturno fica claro essa problemática. Muitos professores apresentam dificuldade em considerar a acesso como um direito. Há também o estigma do aluno que não aprende, do fracassado, do pobrezinho. Trabalhar com um público desfavorecido e heterogêneo não é uma opção fácil.

Construir um projeto de Ensino Médio integrado com o ensino técnico é postular uma quebra de conceitos e paradigmas. As experiências observadas no Rio Grande do Sul testemunham esse fato. O PROEJA pretende ir na contramão da pedagogia capitalista.

É preciso entender

a educação como um processo de suma importância da constituição de identidades e homens e mulheres que se humanizam na interação com os outros e com o mundo: a educação escolar pode ser um tempo-espaco em, de forma mais sistemática e tendo acesso às descobertas e construções científicas e tecnológicas de gerações anteriores, as novas gerações vão se situando e se descobrindo no mundo em que vivem. Tomando consciência também da condição de condicionados sócio-histórico-culturalmente, também vão se descobrindo como sujeitos capazes de transformar as relações sociais, políticas e econômicas que outros homens e mulheres estruturam; vão tomando nas mãos o mundo e a história em que eles e elas vão prosseguir vivendo a sua genteidade (HENZ, 2009, p. 15).

Acredita-se que esse compromisso de educação deve ser pauta de discussão de qualquer projeto. Ajudar o jovem e o adulto sentir-se gente e encontrar o seu lugar no mundo é a principal tarefa da educação na ótica da inclusão e libertação. Nas discussões de implantação do PROEJA na Escola Maria Rocha evidencia-se uma diversidade de visões pedagógicas. Tanto no Ensino Médio quanto o Ensino Técnico trazem a preocupação com o conteúdo, com o que ensinar. É preciso convergir para quem ensinar, porque ensinar, para o como ensinar.

Não é possível pensar em PROEJA sem o professor mergulhar nas suas concepções de mundo, de sociedade, de ser humano e de pedagogia.

É preciso também rever a finalidades do Ensino Médio a partir destes sujeitos.
Apostar nesses

Sujeitos que têm uma vida, uma história e uma cultura. Que têm necessidades diferenciadas, mas conquistaram direitos universais. Conhecimentos que foram construídos socialmente ao longo da história, constituindo o patrimônio da humanidade, cujo acesso, portanto, todos têm direito. É preciso, então, construir um projeto de Ensino Médio que supere a dualidade entre formação específica e formação geral e que desloque o foco de seus objetivos do mercado de trabalho para a pessoa humana (MOLL, 2010, p.48).

O PROEJA é uma grande aposta nesses sujeitos, mas o grande caminho está em pensar o Ensino Médio integrado e comprometido com práticas pedagógicas que aliem teoria e prática, onde os principais pressupostos sejam o diálogo, a reflexão, a motivação, a criticidade e o conhecimento a serviço do mundo do trabalho e da cidadania. Um ensino atento às exigências da contemporaneidade, mas libertador no sentido freiriano. Uma mediação da aprendizagem que ajude as “águias” (jovens e adultos) cansadas e feridas a voltar a voar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia procurou discutir as implicações da mediação pedagógica no processo de ensino e aprendizagem de jovens e adultos trabalhadores. Procura-se discutir alguns pontos das diretrizes do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, como uma possibilidade de oferta e de inovação pedagógica na Escola Maria Rocha.

Pesquisou-se e refletiu-se possíveis marcas deixadas registradas nas trajetórias escolares de alguns sujeitos.

No capítulo primeiro, foi abordado os fundamentos pedagógicos do programa do PROEJA. É preciso rever as práticas pedagógicas, qualificar a relação entre professor e aluno, rever conceitos pedagógicos, metodologias e conteúdos. Um currículo que integre as pluralidades dos sujeitos e os diferentes saberes é centralidade do programa. Lendo as experiências de PROEJA espalhadas pelo Rio Grande do Sul é notório que esta é a principal exigência de para atender os pressupostos da inclusão, da mediação e da inovação desta política pública.

As demandas da contemporaneidade vão além da preparação para o mercado de trabalho. Preparar para o mercado de trabalho é apenas trabalhar para a lógica do capitalismo neoliberal. Também é ingênuo pensar que o PROEJA é a solução para a empregabilidade.

O PROEJA almeja resgatar o trabalho não como mercadoria, mas como

O modo-de-ser-no-mundo pelo trabalho se dá forma de inter-ação e de intervenção. O ser humano não vive numa sesta biológica com a natureza. Pelo contrário, inter-age(...) Pelo trabalho constrói seu habitat (...) Pelo trabalho co-pilota o processo evolutivo, fazendo com que a natureza e a sociedade com suas organizações, sistemas e aparatos tecnológicos entrem em simbiose e co-evoluam juntas (BOFF, 1999, p. 93).

A intencionalidade do programa quanto ao trabalho é clara. Boff corrobora quando fala em construção do “habitat” humano. O habitat é a dimensão de sentido, de ethos humano, de presença consciente e transformadora da própria existência e da sociedade. O trabalho dá significado ao existir que transcende o consumir.

É preciso reafirmar o protagonismo do professor nesta modalidade de ensino. Ele é o mediador da inclusão, da reflexão, da cultura, do diálogo afetivo e dos

saberes. O sistema capitalista deixou os profissionais da educação inseguros, insatisfeitos, perdidos e desmotivados. Ao colocar a educação como ferramenta do sistema se esvaziou de sua função primeira que é humanização, a reflexão e a promoção da cidadania.

É vital constituir espaço de troca, de diálogo e de estudo para que em conjunto os professores repensem suas trajetórias existenciais e acadêmicas para reconfigurar o sentido da profissão. Sem partilha e estudo não é possível tecer um novo itinerário de docência para o PROEJA.

É preciso tecer um novo perfil docente com novas práticas docente para o PROEJA dar certo. Uma prática

...educativa passa também pela afetividade e pelas emoções (elementos constitutivos do humano), sendo que o ouvir e o se fazer ouvir ocupam papel determinante nesse processo: necessitamos do outro até mesmo para nos tornarmos humanos (incompletude), mas ao recebermos as marcas do outro as (re) significamos. (...) É pela convivência amorosa com seus educandos e, ao mesmo tempo, provocando-os a assumirem enquanto sujeitos sócio-históricos-culturais do ato de conhecer, que ele pode construir o respeito à dignidade e à autonomia. (ASSUMPÇÃO, 2009, p. 91).

Através da pesquisa foi possível ter uma amostra significativa do perfil dos sujeitos que se revelaram necessitados em dialogar e em compartilhar a história de vida. Os jovens e adultos estão carentes do ouvir afetuoso, do acolhimento da história pessoal. Escutar configura-se como a principal mediação pedagógica. A reinserção destes sujeitos na escola vai ser determinada pelo acolhimento e pelo acompanhamento amoroso e exigente.

O PROEJA não pode ser entendido como a salvação do Ensino Médio noturno, mas um novo caminho de integração entre o conhecer e o fazer. Um novo itinerário da docência é exigência primeira. Professores conscientes de seus papéis de educadores, de mediadores e atualizados didaticamente e pedagogicamente e instrumentalizados com as novas tecnologias da informação vai ser alguns dos diferenciais desta proposta.

Retomando a metáfora da condição humana de Leonardo Boff acredita-se que é preciso fazer que esses sujeitos retomem e assumam a sua condição de águia. A escola é um território de “águas” muitas vezes adormecidas, engaioladas pelo sistema. A instituição de ensino que almeja implementar o programa do PROEJA deve romper com as tendências e práticas atuais. Numa perspectiva holística deve repensar o projeto pedagógico. Rever conceitos de gestão, de

organização e de liderança. O PROEJA exige a mudança das pessoas. É acreditando na pessoa e na sua capacidade de aprender, amar, de cuidar, conviver e trabalhar que se começa a libertar a águia interna jovem e adulto que passar pela escola.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Oswaldo et al. **Trabalho pedagógico**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Integração das Tecnologias na Educação/ Secretaria de Educação a Distância**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005
- ANDRÉ, Marli E. D. A; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- ARROYO, M. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e SOARES, Leôncio (Orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.
- ASSUMPÇÃO, Raiane et. al. **Educação popular na perspectiva freiriana**. São Paulo: Editora e livraria Instituto Paulo Freire, 2009.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 1983.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Documento Base: PROEJA – Programa Nacional de Integração da educação profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC, agosto 2007.
- _____, Ministério da Educação. **Saberes da Terra: Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos Integrada com Qualificação Social e Profissional para Agricultores (as) Familiares**. Brasília: MEC, outubro 2005.
- _____, Ministério da Educação. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos**. *Coleção com 5 cadernos* publicada pela SECAD/MEC- 2006- Brasília.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley (orgs). **O homem em movimento**. 5 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2009.
- DEMO, Pedro. **Educação: gestão do conhecimento e da aprendizagem**. Belo Horizonte: UNA Editoria, 2001.
- _____. *TICs e Educação*. 2008. Disponível em: <<http://pedrodemo.sites.uol.com.br/textos/tics.html>>. Acesso em 10 set. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Educação e participação comunitária.** In:CASTELLS, Manuel et al. *Novas perspectivas críticas em educação.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os Delírios da Razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional. In:GENTILI, Pablo (org) **Pedagogia da Exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, 2ª ed.

_____. **Educação e a Crise do Capitalismo Real.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs.) **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta.** São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2000.

GOMES, Cristiano Mauro Assis. **Feuerstein e a construção mediada do conhecimento.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

GRINSPUN, Mírian P. S. Z. (Org.). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas.** São Paulo: Cortez, 2001.

HENZ, C. I.; ROSSATO, R.; BARCELOS, V. **Educação humanizadora e os desafios da diversidade.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

KUENZER, Acacia Zeneida. **Trabalho pedagógico: da fragmentação à Unitariedade possível.** In: A GUIAR, Márcia Ângela da Silva (org). *Para onde vão a Orientação e a Supervisão Educacional?* São Paulo: Papyrus, 2002

LUCK, Heloisa. **Pedagogia Interdisciplinar: Fundamentos Teórico Metodológico.** Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LUCKESI, C. Carlos. **Independência e inovação em Tecnologia Educacional: ação reflexão.** Rio de Janeiro, v.15, jul./out.1986.

MACHADO, Lucília Regina S. **Organização do currículo integrado: desafios à elaboração e implementação.** Reunião com gestores estaduais da educação profissional e do ensino médio. Brasília, 9 dez. 2005.

MANFREDI, Sílvia Maria. **Educação Profissional no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2003.

MARQUES, Mario Osório. **Educação nas ciências: interlocução e complementaridade.** Ijuí: Unijuí, 2002.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. A mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo (RS): Editora UNISINOS, 2004.

MAIER, Marcos Garcia, Sandra. **Mediação da aprendizagem**: contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. Curitiba: edição do autor, 2007.

MOOL, Jaqueline et. all. **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artimed, 2010.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. **Desafios éticos da globalização**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PARO, Vitor Henrique. **Eleição de diretores**: a escola pública experimenta a democracia. Campinas, Papirus, 1996.

_____. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo, Ática, 1997b.

POLIZELLI, Demerval e OZAKI, Adalton (organizadores). **Sociedade da informação**. São Paulo: Saraiva, 2007.

RAMOS, Marise Nogueira. **A Pedagogia das Competências: Autonomia ou Adaptação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Gislene Aparecida.(org.) **Universidade, formação, cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001.

TRIVINÕS, A.N.S. **Introdução á pesquisa em ciências sócias**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.